

O BULLYING NO AMBITO ESCOLAR: ALGUMAS REFLEXÕES

Gilmar Ribeiro Pereira¹
Thiago Donda Rodrigues²

Resumo

O *bullying* tem sido umas das ações de maior repercussão e consequências no âmbito escolar, assim os seus desdobramentos têm sido marcados por ocorrências de agressões físicas, verbais e psicológicas. Desse modo, os atos de *bullying* são caracterizados por apelidar, ofender, humilhar, intimidar, constranger, discriminar entre outros. Aos poucos a vítima destas agressões vai se isolando por não saber como defender-se de tal situação humilhante e estas ações frequentes de “brincadeiras” podem acabar trazendo para a ela transtornos psíquicos como medo, tensão, raiva reprimida, angústia, desgosto, sensação de impotência, rejeição, desejo de vingança ou até pensamento suicida. Em decorrência disso, a pessoa pode ter sua autoestima comprometida, desenvolver comportamentos depressivos e dificuldades de se expressar. No âmbito escolar, tais situações poderão interferir nas suas relações sociais e no seu aprendizado. Portanto, este trabalho tem a finalidade apresentar algumas possibilidades de combate ao *bullying*, sendo que um caminho para tal seja o desenvolvimento de um ambiente reflexivo que promova a solidariedade, a tolerância, o respeito às diferenças, a justiça e a cooperação. Com isso, as crianças e adolescentes aprendem a respeitar e a valorizar as diferenças individuais, resolver seus conflitos e conviver em harmonia.

Palavras-chave: Bullying escolar. Violência. Inclusão.

Abstract

Bullying has been one of the most influential actions and consequences in the school, so their developments have been marked by incidents of beatings, verbal and psychological. Thus, acts of bullying are characterized by nicknaming, abuse, humiliate, intimidate, embarrass, discriminating among others. Gradually the victim of these attacks will become isolated by not knowing how to defend yourself in such a humiliating situation and these actions frequent "jokes" may end up bringing her psychological problems like fear, stress, repressed anger, anxiety, disgust, feeling helplessness, rejection, desire for revenge or even suicidal thinking. As a result, the person may have compromised their self-esteem, develop depressive behaviors and difficulty speaking. In the school environment, such situations can interfere with their social relations and their learning. Therefore, this work has the purpose to present some possibilities to combat bullying, and this is a way for the development of a reflective environment that promotes solidarity, tolerance, respect for differences, justice and cooperation. As a result, children and teens learn to respect and appreciate individual differences, resolve conflicts and live in harmony.

Keywords: Bullying at school. Violence. Inclusion.

¹ Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e docente em História do Instituto Federal do Mato Grosso do Sul – Três Lagoas. Contato: hist.gil@ig.com.br

² Doutorando em Educação Matemática – IGCE/UNESP – Rio Claro/SP. Professor Assistente do Curso de Matemática – CPAR/UFMS – Paranaíba/MS. Contato: thiago.rodriques@ufms.br.

Introdução

O presente trabalho “O *bullying* no âmbito escolar: algumas reflexões” procura refletir sobre a proliferação de atitudes grosseiras, desrespeitosas e violentas no ambiente escolar, atualmente conhecida como *bullying*, que muitas das vezes acarretam consequências desagradáveis e prejudiciais aos seres humanos. As “ações de *bullying* ocorrem em forma de “brincadeiras de mau gosto”, disfarçando o propósito de humilhar, coagir, causando dor, angústia e sofrimento” (FANTE, 2005, p.29).

Logo, deve-se ter o cuidado de não caracterizá-lo superficialmente e nem de forma generalizada, é necessário se levar em conta cada pessoa é o produto de suas afetações e que desse modo, esses atos são efeitos da construção social. Entretanto, essas circunstâncias influem nos problemas em âmbito escolar e as pessoas que sofrem *bullying* podem “ter prejuízos irreparáveis ao seu desenvolvimento cognitivo, emocional e socioeducacional” (FANTE; PEDRA, 2008, p.84).

Assim, a prática do *bullying* e suas consequências podem explicar o desprezo dos alunos pelas aulas, o não desejo de estudar, as dificuldades de compreensão e até mesmo o abandono escolar, sem dizer que alguns coagidos pela “pressão e o abuso, não vêem saída, e passam a ter tendências depressivas e suicidas ou reagem com punhos ou armas”. (MIDDELTON-MOZ & ZAWADSKI, 2007, p.23)

A partir disso, é necessário possibilitar ações reflexivas que possam, “proporcionar às crianças ‘espelhos’ honestos e sensíveis, pode mudar suas vidas e, em alguns casos, salvá-las” (MIDDELTON-MOZ & ZAWADSKI, 2007, p.89). Para tanto, é necessário também reforçar o “incentivo ao exercício da solidariedade, da tolerância, do respeito às diferenças individuais [...] cooperação e amizade”. (FANTE & PEDRA, 2008, p.129). Nesse sentido os Parâmetros Curriculares Nacionais descrevem:

Uma proposta curricular voltada para a cidadania deve preocupar-se necessariamente com as diversidades existentes na sociedade, uma das bases concretas em que se praticam os preceitos éticos. É a ética que norteia e exige de todos — da escola e dos educadores em particular —, propostas e iniciativas que visem à superação do preconceito e da discriminação. A contribuição da escola na construção da democracia é a de promover os princípios éticos de liberdade, dignidade, respeito mútuo, justiça e equidade, solidariedade, diálogo no cotidiano; é a de encontrar formas de cumprir o princípio constitucional de igualdade, o que exige sensibilidade para a questão da diversidade cultural e ações decididas em relação aos problemas gerados pela injustiça social. (BRASIL, 1997, p. 129).

Assim são necessárias as intervenções pedagógicas constituídas em forma de debate e reflexão, possibilitando e assegurando um ambiente saudável, de convivências, de tolerâncias e de respeito mútuo entre os discentes no âmbito escolar.

Portanto, faz-se necessário ampliar as discussões e reflexões com os discentes e docentes sobre essas problematizações, com vistas em elencar sugestões de combate ao fenômeno *bullying* no meio escolar.

***Bullying* Escolar**

Os estudos sobre o assunto no Brasil são recentes, mesmo com evidências de suas manifestações no espaço escolar notificando agressões físicas ou verbais há muito tempo. Há tempos uma fortaleza de opressão vem atingindo as crianças do ensino fundamental e adolescentes do ensino médio. Tais ações estão presentes também no ensino superior, como os trotes aos calouros, que muitas vezes valem a vida do aluno recém chegado.

É importante deixar claro que o *bullying* não é somente praticado na escola. Esclarece Fante (2005, p.30):

o *bullying*, possui, ainda, a propriedade de ser reconhecido em vários contextos: escolas, nas famílias, nos condomínios residenciais, nos clubes, nos locais de trabalho, nos asilos de idosos, nas Forças Armadas, nas prisões, enfim, onde existem relações interpessoais.

Tais atitudes têm se desdobrado em conflitos muito agressivos a ponto de quebrar as regras de limites, diálogo e tolerância. Atitudes de violência, às vezes explícitas, agressões verbais, corporais e assassinatos dentro e fora da escola. Entretanto, essa prática nem sempre é aos olhos de todos, pode ser uma violência velada, que ocorre por meio de apelidos cruéis, gestos, desenhos, piadas, ameaças, gozações, roubos de materiais e outros.

O fenômeno é tão alarmante que tem virado uma “bola de neve”, o número de agressores, que se consideram “valentões”, precisam de uma auto afirmação enquanto indivíduo naquele ambiente no qual está inserido, seja no familiar, no comunitário ou institucional.

O *bullying* é uma das formas mais comuns de violência entre crianças, jovens e adultos, algo muito presente no ambiente escolar. O que na verdade deveria ser um ambiente agradável e de convivência mútua sem prejuízos à saúde da pessoa que vive naquele meio de informação e socialização.

Para uma definição sobre o *bullying* o Manual de Proteção Escolar e Promoção da Cidadania, afirma que:

A definição dá-se por um conjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, adotados por um ou mais alunos contra outro(s) em desvantagem de poder ou força física, sem motivação evidente, sob a forma de “brincadeiras de mau gosto” que disfarçam o propósito de humilhar, desdenhar, coagir, causando dor, angústia e sofrimento como deixou claro. (SÃO PAULO, 2005, p. 17).

Trata-se, portanto, de um fenômeno encontrado nas escolas públicas e privadas, independentes de sua localização ou dos turnos de funcionamento. Fante (2005, p. 49) diz que:

[...] os atos de *bullying* entre os alunos apresentam determinadas características comuns: são comportamentos produzidos de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra uma mesma vítima; apresentam uma relação de

desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ocorrem sem motivações evidentes; são comportamentos deliberados e danosos.

Assim, as práticas repetitivas acabam levando a uma irritação profunda, porém raras vezes há o revide de tal agressão. Diante de tais condições, o *Bully* (valentão) continua a praticar o *bullying*. Situações como essas são evidentes também no ensino superior, ao raspar a cabeça de um jovem no trote universitário, é como se estivessem desvinculando-o da “barra da saia” materna, considerado-o “batizado” e integrante da turma. Segundo a Fante e Pedra, (2008, p. 37) os maus-tratos dos agressores resume-se da seguinte forma:

Os agressores normalmente maltratam suas vítimas, constringendo-as com zombarias, “zoações”, “sacanagens” ou valendo-se de gestos, expressões faciais, risadinhas irônicas ou olhares ameaçadores. Na maioria dos casos, a vítima sente-se isolada e excluída do convívio dos colegas, seja por ter o moral rebaixado, seja pela rejeição a ela que os grupos manifestam, uma vez que não querem entre eles alguém “tão fraco ou indefeso” ou temem que, ao apoiá-la, tenham que enfrentar os seus agressores e tornem-se próximas vítimas.

O surpreendente é como tais práticas que contribuem para a exclusão do indivíduo tenham adeptos para dar continuidade às agressões. Algumas pessoas para evitarem se tornar vítimas destas situações aderem à prática do *bullying*, tornando-se também agressores, enquanto outros se abstêm preferem ignorar o fato, afastando-se das vítimas para não serem também rotulados como eles. Para Middelton-Moz e Zawadski (2007, p.20):

Ser alvo de *bullying* provoca sentimentos intensos de medo e vergonha, aumenta a vulnerabilidade, baixa a auto-estima e leva à ansiedade, à depressão e a sensações de impotência que costumam aumentar a vitimização. Infelizmente, as vítimas se culpam pelo comportamento do *bully* e, muitas vezes outros também culpam a vítima: “Se ele simplesmente deixasse de ser tão frágil...”; “Se ele não agüenta o calor, deveria sair da cozinha”; “Ele só precisa ser mais esperto”; “Se ele emagrecesse, não seria tão visado”; “Ela é atraente, não espera que os caras prestem atenção nela?”; “Ela fez a própria fama, agora só tem que deitar na cama”; “Se ela não desse bola, eles parariam”; “Essa gente deveria aprender a esperar ser visada de vez em quando. Isso é da vida”; “Concentre-se no seu trabalho, não deixe que eles lhe afetem”.

Contudo, ser alvo de *bullying* passou a ser algo comum em nosso cotidiano, entretanto, o fenômeno é devastador e traz transtornos psíquicos seríssimos para as pessoas. Nesse sentido Middelton-Moz e Zawadski (2007, p.19) alerta:

Nossa falta de consciência costuma fazer com que sejamos surdos e cegos em relação à dor vivenciada pela juventude e, como resultado disso, nossos jovens muitas vezes se tornam prisioneiros de sua tristeza e depressão, enxergando poucas possibilidades de mudança e nenhuma saída. Os que tentaram suicídio frequentemente nos dizem que não tentaram se matar porque queriam estar mortos, e sim porque não queriam continuar a viver como estavam vivendo.

O problema existe e está presente no espaço escolar, sendo que muitas vezes o ignoramos por estarmos inseridos em práticas educacionais retrógradas que não observam a profundidade do fenômeno *bullying*. No entanto, as práticas educacionais, ao invés de aproximar as pessoas, elas se afastam cada vez mais e ficam presas às suas atitudes particulares, fortalecendo continuamente a discriminação.

Buscando a origem do termo *bullying*, pode-se notar que vem do vocábulo inglês *to bully* que significa agressor, intimidador, atacante. Assim *Bullying* é o ato de ser um agressor, intimidador, juntamente com todas as condutas usadas por estes agressores contra outras pessoas.

No Brasil ainda não foi encontrada uma palavra, que se aproxime ao termo *Bullying*, assim aqui como em vários países do mundo onde o fenômeno é estudado, emprega-se o vocábulo em inglês. Em contrapartida, outros países utilizam outras expressões linguísticas, sem perder a dimensão do significado. “São usados, por exemplo, *mobbing*, na Noruega e na Dinamarca; *mobbing*, na Suécia e na Finlândia; *harcèlement quotidien*, na França; *prepotenza* ou *bullismo*, na Itália; *yjime*, no Japão; *intimidación*, na Espanha” (FANTE; PEDRA, 2008, p.34-35).

Entretanto, as situações de *bullying* podem ser entendidas como: apelidar, intimidar, perseguir, empurrar, ridicularizar, inibir, humilhar, discriminar, assediar, roubar, constranger, achincalhar, ignorar, agredir, aterrorizar, tyrannizar, coagir, caçoar, ofender, ferir, ameaçar, dominar, forçar, bulir.

Assim, mais que uma busca a tradução da palavra *bullying*, é necessário buscar os atos inerentes a esta prática, segundo Middelton-Moz e Zawadski (2007, p.21):

[...] o *bullying* envolve atos, palavras ou comportamentos prejudiciais intencionais e repetidos. Os comportamentos incluídos no *bullying* são variados: palavras ofensivas, humilhação, difusão de boatos, fofoca, exposição ao ridículo, transformação em bode expiatório e acusações, isolamento, atribuição de tarefas pouco profissionais ou áreas indesejáveis no local de trabalho, negativa de férias ou feriados, socos, agressões, chutes, ameaças, insultos, ostracismo, sexualização, ofensas raciais, étnicas ou de gênero.

Desse modo, o *bullying* é configurado como atitudes cruéis nas relações interpessoais, “em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar” (FANTE, 2005, p. 29).

Logo, essas situações são agressões e/ou intimidações que utilizam da força física ou verbal para atingir o colega da escola e ter uma satisfação de poder, como se fosse “dono do pedaço” em que atua.

Assim, é necessário ter clareza de que essas ações fazem mal ao ser humano, pois mais tarde essas pessoas agredidas podem não conseguir se relacionar com outras pessoas do seu meio, pois ao serem vítimas, geralmente separam-se do grupo e vivem isolados para não sofrerem mais agressões verbais ou físicas.

Para entendermos melhor as práticas de *bullying*, buscamos em Luz (2008, p.18), duas classificações:

[...] o direto, através de violência física e o indireto, através de agressão moral. Em ambas as vertentes, o *bullying* é crueldade deliberadamente voltada aos seus pares, com intenção de ganhar poder, um poder desigual, infligindo sofrimento psicológico e /ou físico de forma que garanta ao outro, fragilidade, medo, submissão, ansiedade, vergonha, humilhação, isolamento, dor, sentimento de impotência, ou forçá-lo a perder o controle, é um sofrimento profundo que aumenta a probabilidade de vitimização do alvo, continuamente e muitos dos *bullies* (agressores) começam suas habilidades de intimidação desde o início da sua infância e vão aperfeiçoando ao longo do tempo, ao contrário do que se pensa, o agressor é um potencial a continuar esse comportamento salvo, nos casos em que procura uma intervenção permanente com profissionais competentes.

Em reforço a essas formas de *bullying*, (FANTE; PEDRA, 2008, p.64) descreve:

No passado, acreditava-se que esse tipo de comportamento era próprio dos meninos, porém, com os avanços das pesquisas, constatou-se ser comum também entre as meninas. Enquanto a maioria dos meninos utiliza, comumente, os maus-tratos físicos e verbais, as meninas se valem mais de maledicência, fofoca, difamação, exclusão e manipulação para provocar sofrimento psicológico nas vítimas.

Nota-se assim diferenças no tipo de práticas de *bullying* dependendo do gênero, assim os ataques das meninas – indireto – ocorrem nos “bastidores”, ou seja, no círculo da convivência, da amizade, podem ser práticas inerentes ao universo feminino ignorar a colega na hora do lanche, fazer insinuações por bilhetinhos, conspirar, criticar, usar o silêncio. “As práticas dos meninos – direta – são menos requintadas”, menos “sutis” caracterizadas por agressões físicas e verbais.

Entretanto, independentemente do gênero, o que está imbuído nesses dizeres é disseminação da discriminação e da opressão, visando à exclusão da vítima de seu grupo social, portanto os *bullies* se fortalecem, ganham espaço para espalhar sua intimidação. Para Fante (2005, p.50):

Ambas são aversivas e prejudiciais ao psiquismo da vítima, a direta inclui agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e as verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger); a indireta talvez seja a que mais prejuízo provoque, uma vez que pode criar traumas irreversíveis.

Na tentativa de exemplificar e demonstrar a gravidade do problema há o fato de que nos “Estados Unidos as estatísticas demonstram que de cada quatro crianças, uma sofre *bullying* por mês” (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007, p. 22). “[...] 160 mil alunos americanos faltam às aulas por medo de sofrer *bullying*”. (FANTE; PEDRA, 2008 p. 50). As tragédias são altíssimas e assustadoras, a ponto de muitos meninos deixarem de ir ao banheiro durante o período escolar para não sofrerem assédio sexual de outros alunos maiores.

Voltando-nos ao caso brasileiro Fante e Pedra (2008) explica que o crescimento do *bullying* é maior que em outros países, pois enquanto os níveis mundiais oscilam de 5% a 35%, no caso do Brasil, estudos revelam que a média de envolvimento dos estudantes brasileiros em práticas de *bullying* é de 45%.

Presume-se que a reprodução dos *bullies* esteja ligada aos maus-tratos sofridos fora da escola, e chegando a esse ambiente procura-se reproduzir o fenômeno, ampliando o número de vítimas. Assim, a competitividade e individualidade das pessoas sugeridas pelo modelo de sociedade regido pelo capital e fortalecidas pela família, escola, comunidade e trabalho acaba por gerar uma tensão que desvia o comportamento do indivíduo, levando a atitudes e comportamentos agressivos e de indiferença pelo outro, pela vida, pelos valores éticos e morais, caracterizando a banalização da vida e do ser humano.

Assim, “O fenômeno *Bullying*, estimulado pela competitividade e pelo individualismo, principalmente a pressão da família e, no caso da escola, a necessidade de obtenção dos resultados, especialmente nos vestibulares” (FANTE; PEDRA, 2008, p. 51).

É necessário também não acreditarmos na guetorização deste tipo de violência, o *bullying* em ambiente escolar não é um fenômeno restrito às escolas públicas, mas também nas escolas particulares ele se faz presente. No entanto, no Brasil há uma carência de informações sobre o *bullying* o que faz com que se atribua o *bullying* a uma determinada classe social. Fante e Pedra (2008, p.53) que descreve:

[...] citaremos os dados de estudos que realizamos no interior paulista. Nosso primeiro estudo sobre o *Bullying* foi realizado em 2000, em uma cidade de aproximadamente 100 mil habitantes. Com um grupo de 430 alunos de uma escola da rede privada de ensino, o resultado mostrou que 41% estavam envolvidos em *bullying*. Desses, 18% eram vítimas, 14%, agressores e 9% eram vítimas agressoras. Também realizamos um outro estudo, em 2003, em uma escola da rede pública, em uma cidadezinha de 10 mil habitantes. Os resultados apontaram que, dos 450 alunos, 45% estavam envolvidos em *bullying*. Desses, 24% eram vítimas, 8% eram agressores, 13%, vítimas agressoras.

Podemos notar que, em ambas as cidades, ocorrem ações de *bullying*, e a surpresa é que a variação é quase inexistente. É importante ressaltar que há a necessidade de realizar mais estudos sobre o assunto, visto o problema não ser somente no Ensino Fundamental ou Médio, envolve também as Faculdades e Universidades, de grandes, médias ou pequenas cidades.

Assim, as vítimas de *bullying* sofrem constrangimentos, são apelidadas pejorativamente, ridicularizadas, ameaçadas, perseguidas, humilhadas. Essas atitudes evoluem até atingir o uso de força física. Intimidadas, muitas vítimas do *bullies* têm que sustentar festas, fazer trabalhos, prestar serviços extras, enfim, é como se o agressor fosse uma superioridade incontestável. “Através de brincadeiras” e justificativas hierárquicas, demonstram em suas atitudes o desrespeito, o preconceito, a intolerância e a dificuldade de empatia e solidariedade humana”. (FANTE; PEDRA, 2008, p. 47).

Outrossim, na formação do indivíduo em uma cultura chauvinista como a nossa, há a cobrança constante dos pais em relação aos meninos ao dizer-lhes continuamente “homem não chora”, levando a criança ou adolescente a engolir o choro, suportar um dor ou sofrimento que precisava ser externada para ser entendida. Já as meninas são cobradas para terem comportamento de “moça”, ainda crianças. Isto é muito preocupante, pois como argumenta

(MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007, p.22) “muito cedo as crianças são classificadas”, como se houvesse uma necessidade de rotular o indivíduo, essa prática se estende para o meio escolar, onde os alunos têm que pertencer a subgrupos ou panelinhas segundo “a aparência, interesses ou comportamentos”, ‘os populares’, ‘os atletas’, ‘os cabeças’, ‘os esquisitos’, ‘os estranhos’, ‘os CDFs’, ‘os rejeitados’, ‘os retardados’, ‘os ninguém’, ‘as bichinhas’ (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007, p.22).

Isto leva à criação de máscaras para afirmar que são fortes, para não serem excluídos do meio em vivem, o que acaba provocando um “estresse causador de uma baixa resistência imunológica e sintomas psicossomáticos diversificados” (FANTE; PEDRA, 2008 p.83).

Todavia, a frequência com que são vítimas de *bullying* poderá acarretar traumas psicológicos, podendo “ter prejuízos irreparáveis ao seu desenvolvimento cognitivo, emocional e socioeducacional” (FANTE; PEDRA, 2008, p.84). Gerando transtornos como tensão, mal estar, irritabilidade, raiva, déficit de atenção, desejo de vingança, desejo ou tentativa de suicídio, em decorrência aos maus-tratos dos quais vem sendo vítima, e a não compreensão dos significados desses fatos.

Assim, verifica-se que crianças que vão à escola e sofrem o *bullying*, podem passar a recusar-se a ir à escola bem próximo do horário da aula, ou seja, pelos sintomas denunciam com seus primeiros sinais de “dores de cabeça, tonturas, náuseas, ânsia de vômito, dor no estômago, diarreia, enurese, sudorese, febre, taquicardia, dores musculares, rinite, alergia e outras” os danos que vem sofrendo e estão deixando marcas. Nesse sentido Fante e Pedra (2008, p.85-86) afirmam que:

O déficit de concentração e de aprendizagem, a dispersão, o desinteresse pelos estudos e pela escola, o absentismo, a queda do rendimento escolar e a evasão. Em decorrência da vitimização, muitas crianças se tornam ainda mais introvertidas, tristes, ansiosas ou irritadas. Geralmente, vão se fechando e se isolando das demais, perdendo o contato com suas colegas de classe e o interesse pelos estudos.

Consequentemente alguns perdem o interesse pelos estudos, não prestando mais atenção às aulas e, diante das dificuldades que surgem, temendo a ridicularização e as críticas, não pedem novas explicações, gerando desinteresse acadêmico e comprometimento da aprendizagem. “Assim, muitos alunos não resistem e mudam de escola ou optam pela evasão escolar. Outros ainda desenvolvem fobia escolar, comprometendo suas relações sócio-educacionais e afetivas” (FANTE; PEDRA, 2008, p.86).

Enquanto se observa essa perda sócio-educativa por um lado, de outro ocorre a alarmante situação daqueles que não suportam “pressão e o abuso, não vêem saída, e passam a ter tendências depressivas e suicidas ou reagem com punhos ou armas” (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007, p.23).

Para quem sofre o *bullying*, os prejuízos são muitos. Transformam-se em pessoas de baixa auto-estima, inseguras, sem confiança e assim tornam-se homens e mulheres amedrontados, que não conseguem superar suas dificuldades, justamente por virem carregadas de sofrimento desde a infância até sua fase adulta, sem poder dizer a ninguém o que sentiam e o que queriam de verdade. Fante e Pedra (2008, p.121) descrevem que:

Com esclarecimento e a utilização de práticas psicológicas desenvolvidas no programa *antibullying* Educar para a Paz, orientamos os envolvidos a se conhecer e ter consciência de seus atos e para as atividades estimulantes, promotoras de ações solidárias, de interesse e ajuda ao próximo. As práticas desportivas, culturais, artísticas, além dos projetos sociais em prol de entidades filantrópicas da comunidade, visam à valorização do ser e à responsabilidade social.

Para que se possa reverter essa situação, é necessário se pensar em ações que visam à valorização do ser e a responsabilidade social, há grandes possibilidades de crianças, adolescentes e adultos aprenderem a se conhecer, a terem uma tomada de consciência de seus atos e de seus sentimentos. Aos poucos pode surgir um ambiente harmonioso e agradável fortalecedor das relações interpessoais e certamente contribui para o processo de ensino-aprendizagem e “proporcionar às crianças ‘espelhos’ honestos e sensíveis, pode mudar suas vidas e, em alguns casos, salvá-las” (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI: 2007, p. 89). Nesse sentido Rodrigues (2010, p. 109) oferece uma contribuição descrevendo:

Para que estas mudanças sejam possíveis e para que se tenha um ambiente em que às diferenças – social, cultural, econômica, física e política – coexistam, torna-se necessário mudar a forma de se compreender o mundo e se libertar dos mecanismos de exclusão que são inerentes aos processos educativos atuais.

Assim, faz-se necessário ampliar as relações de cooperações com os indivíduos que sofrem agressões por meio do *bullying*. Claro que não se tem uma “receita” pronta e eficaz, mas acredita-se que através do diálogo, atividades de cooperação, ações solidárias e de reflexões na escola sobre o assunto *bullying*, é possível reduzir tal fenômeno. Assim sendo, em vez de “brincadeiras agressivas”, porque não transformá-las em brincadeiras divertidas e agradáveis.

Superar esse círculo de violência exige orientação e ações de solidariedade, superação, tolerância e respeito às diferenças e limitações, despertando sentimentos de empatias e afetividade para construir uma convivência pacífica na família, na escola, nas comunidades. São caminhos como esses que podem tirar as máscaras de valentão e (re) caracterizar o ser humano.

Diante desses novos olhares, em notar as diferenças individuais, possibilitando resgatar o indivíduo e reconhecê-lo como pessoa que faz parte de uma sociedade tomada de preconceito e individualismo, a saída é insistir nas sementes da paz, incentivando – “a solidariedade, a tolerância, o respeito às diferenças, a cooperação, a amizade e o amor” (FANTE; PEDRA, 2008, p. 129).

Talvez assim, possamos vislumbrar um futuro de paz. Para isso é necessário haver compromisso do educador, da família, da comunidade escolar, além das políticas públicas, visto ser esse envolvimento e engajamento uma possibilidade real de construção de uma sociedade, mas fraterna e solidária.

Considerações Finais

Nos cursos de formação inicial e continuada, e também na sua prática diária, os docentes ficam centrados em conteúdos específicos de sua formação pedagógica, no entanto, isto faz com que nem sempre atentem para as realidades do seu cotidiano na escola, questões pertinentes à formação do indivíduo, que a cada dia cresce e agrava-se na sociedade brasileira. Dentro dessa perspectiva, não direcionar os olhares para esse fenômeno, o *bullying*, é permitir que ele cresça no meio escolar.

Logo, faz-se necessário rever as práticas pedagógicas, conduzindo para que as mesmas objetivem a formação inclusiva, cujo objetivo é preparar a sociedade para conviver pacificamente e produtivamente a partir das diferenças, e não como tem ocorrido, preparando o indivíduo para a sociedade de consumo em que o que vale é ser vencedor, reproduzindo e perpetuando os atos de *bullying*, que atende à competitividade e individualismo da sociedade padronizada.

Dessa forma, sensibilizar, envolver e conscientizar são algumas atitudes de combate ao fenômeno *bullying*, sendo por certas vezes difícil reconhecer sua identificação por manifestar-se de forma sutil e velada, apoiando-se nas colunas da lei do silêncio, é um dos caminhos para vencer a batalha.

As possibilidades de conscientização sobre a problemática do *bullying*, talvez seja refletir os “temas transversais”, que abordam o assunto. Podendo gerar ações que amenizem essa situação causadora de tantos transtornos psíquicos às pessoas. Portanto faz-se necessário estimular o ensino e desenvolvimento de atitudes que apreciem as práticas de tolerância e de solidariedade entre os discentes.

Para tanto o diálogo, o respeito e as relações de cooperação precisam ser valorizados e assumidos por todos os envolvidos no processo educacional. Ou seja, não é apenas “ser”, mas “tornar-se”, um sujeito que busca para si e para outros o convívio da paz.

O fenômeno *bullying* é uma realidade no meio escolar, portanto faz-se necessário refletir as práticas pedagógicas no intuito de, não apenas de ter acesso ao conhecimento científico, mas também na formação da cidadania, na prática do auto-respeito, da auto-estima, no conhecimento e prática da ética e valorização do ser humano e da diversidade de suas representações sociais, na busca de formar pessoas firmes e decididas, capazes de representar e re-apresentar seus sentimentos, conhecimentos e posturas, melhores preparadas, para dizer não ao fenômeno *bullying*, ou seja, agindo de forma significativa. Sem dúvida, a escola pode contribuir muito para essa tarefa.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, Mirian e RUA, Maria das Graças. **violências nas escolas**. Brasília: Unesco, 2002.

ABRAPIA. **Associação Brasileira Multi-profissional de Proteção à Infância e Adolescência**. Ong. Brasil, 1988 – disponível em: http://www.observatoriodainfancia..php3?id_article=167 (acesso 02.03.2010).

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **bullying escolar**: perguntas & respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FANTE, Cleo. **fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Versus Editora, 2005.

LUZ, Djanira Montalvão Da. **bullying escolar**: um estudo de casos em duas escolas estaduais de sergipe. São Cristóvão, SE, 2008.

MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary Lee. **bullying** – estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RODRIGUES, Thiago Donda. **A etnomatemática no contexto do ensino inclusivo**. Curitiba: CRV, 2010.

VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/geisy-expulsa-da-uniban-barbarie-fascistoide-mulheres-do-brasil-unam-se-contra-o-e2%80%9cdireito-ao-estupro-e2%80%9d/>>. Acesso em: 17 fev. 2010.